

# Dos estudos críticos da linguagem aos estudos críticos do discurso: os pontos de vista de quem fez a história

*Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS)\**

<https://orcid.org/0000-0003-4021-8189>

*Alzenira Aquino de Oliveira (UFS)\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-5703-3896>

*João Paulo Lima Cunha (IFCE)\*\*\**

<https://orcid.org/0009-0001-4843-9827>

## Resumo:

O foco deste artigo é refletir sobre as origens da Análise Crítica do Discurso (ACD) e sua mudança de nome para Estudos Críticos do Discurso (ECD). Assim, o objetivo do trabalho é aprofundar a leitura e análise dos múltiplos caminhos, desencadeados pelos pontos de vista dos precursores internacionais e nacionais, sobre o surgimento da Análise Crítica do Discurso e sua (não) atualização para Estudos Críticos do Discurso. Para tal, inclui referendar três analistas críticos europeus considerados marcos para o surgimento da ACD: Norman Fairclough, Ruth Wodak e Teun van Dijk, e três pioneiras nas pesquisas críticas no Brasil: Izabel Magalhães, Célia Magalhães e Carmem Rosa Caldas-Coulthard.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; Estudos Críticos do Discurso; Precursores; Pesquisas críticas.

## Abstract:

### **From critical studies of language to critical studies of discourse: the points of view of those who made history**

The focus of this article is to consider the various readings we can obtain from the return to the origins of Critical Discourse Analysis (ACD) and its

---

\* Graduada (licenciatura e bacharelado), Mestre e Doutora em Letras pela UFPE, com Pós-Doutorado no PPGL da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008) e Investigadora Visitante pela Universidade de Lisboa, Portugal (2019-2020). Vinculada à Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Letras-Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Pesquisa com Estudos Críticos do Discurso decoloniais do Sul do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0743019098101887>. E-mail: [cleideemiliafayepedrosa@gmail.com](mailto:cleideemiliafayepedrosa@gmail.com).

\*\* Professora de Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no Departamento de Letras-Libras. Doutora em Letras pela UFS, área de concentração Linguagem: Identidade e Práticas Sociais. Mestre em Letras pela UFS, área de concentração Estudos da Linguagem e Ensino. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5923903102053905>. E-mail: [alzeaquino@yahoo.com.br](mailto:alzeaquino@yahoo.com.br).

\*\*\* Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutor em Letras pelo PPGL-UFS, área de concentração Linguagem: Identidade e Práticas Sociais. Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração Linguística Aplicada, pelo PPGEL-UFRN. Área de interesse para pesquisa: Linguística Sistêmico-Funcional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6080394973104888>. E-mail: [jp.cunha@ifce.edu.br](mailto:jp.cunha@ifce.edu.br).

name change to Critical Discourse Studies (ECD). Thus, the objective is to deepen the reading and analysis of the multiple paths, triggered by the points of view of international and national precursors, on the emergence of Critical Discourse Analysis and its (non) updating for Critical Discourse Studies. To this end, it includes referencing three European critical analysts considered milestones for the emergence of ACD: Norman Fairclough, Ruth Wodak e Teun van Dijk, and three pioneers in critical research in Brazil: Iza-bel Magalhães, Célia Magalhães; and Carmem Rosa Caldas-Coulthard.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; Critical Discourse Studies; Precursors; Critical research.

## 1. Introdução

Os Estudos Críticos têm assumido um lugar nas pesquisas acadêmicas cada vez mais proeminente em praticamente todas as áreas, especialmente nas áreas de Humanas e Ciências Sociais e Aplicadas. Os campos, entre outros, da Sociologia, da Antropologia, dos Estudos Culturais e das Letras, têm se posicionado com investigações em que a leitura das questões sociais tem recebido uma visão reflexiva e engajada dos pesquisadores tanto no fazer acadêmico quanto no social.

Em conformidade com Santos (2020, p. 5), desde a década de 1980, “o mundo tem vivido em permanente estado de crise”. Essa é uma das razões que, a nosso ver, aponta o quanto é necessário investir em diálogos críticos a fim de que leituras e posicionamentos deem respostas às demandas, senão mundiais, no mínimo locais.

Por não nos desobrigar de nossa função de analistas críticos, este empreendimento, a partir do campo dos Estudos da Linguagem, visa fazer um enfrentamento diante de um desafio de investigação: compreender os posicionamentos discursivos dos pioneiros sobre a origem dos Estudos Críticos da Linguagem (ECL), da Análise Crítica do Discurso (ACD) e sua mudança (ou não) de nome para Estudos Críticos do Discurso (ECD). Fazer essa leitura também se liga ao próprio

fazer da ACD ou dos ECD e suas contribuições para desvelar ideologias que escondem relações de poder social.

Em sua tese de doutoramento, Abella (2017)<sup>1</sup> já anunciava uma questão, segundo a pesquisadora, não resolvida sobre a natureza da ACD, a saber: “se é uma teoria, um método, uma corrente, uma disciplina ou algumas outras concepções que têm surgido pelo caminho” (Abella, 2017, p. 45). Mais uma vez, como pesquisadores, trataremos dessas questões não enquanto uma resposta fechada, porém, quem sabe, com mais informações para outros pesquisadores também traçarem suas próprias reflexões.

Isto posto, o trajeto deste artigo, que tem o objetivo de aprofundar a leitura e análise dos múltiplos caminhos, desencadeados pelos pontos de vista dos precursores internacionais e nacionais, sobre o surgimento da Análise Crítica do Discurso e sua (não) atualização para Estudos Críticos do Discurso, inclui acompanhar três analistas críticos europeus que são marcos para o surgimento da ACD, a saber: Norman Fairclough, Ruth Wodak e Teun van Dijk. A escolha também

1 Tese em Estudos da Linguagem: *O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem “vai pra rua”*. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24118>.

se justifica pelo acesso a seus artigos e livros e pela referência de seus trabalhos no Brasil. Quanto à indicação nacional, selecionamos as autoras Izabel Magalhães, Célia Magalhães e Carmem Rosa Caldas-Coulthard por seus pioneirismos nas pesquisas críticas no Brasil. A motivação para esse empreendimento se deu pela inquietação com que alguns autores tratam a questão, apresentando a ACD como herdeira da Linguística Crítica (LC); outros como campos independentes; alguns deles justificam a mudança do termo ACD para Estudos Críticos do Discurso, ao passo que outros não apontam para essa mudança.

## 2. ACD: entre a origem e os pontos de vista

O foco deste artigo é considerar as várias leituras que podemos obter a partir do retorno às origens da Análise Crítica do Discurso (ACD) e sua mudança de nome para Estudos Críticos do Discurso. Para tanto, selecionamos as testemunhas oculares, ou seja, os que estiveram presentes na reunião em uma universidade de Amsterdam, local onde se definiu a nova área, a ACD: Fairclough, Wodak e Van Dijk, além de pesquisadoras falantes de língua portuguesa que dialogaram diretamente com essas fontes no Brasil: Izabel e Célia Magalhães e Caldas-Coulthard. A partir dessas mesmas leituras, iremos verificar o percurso em relação à mudança (ou não) da lexia Análise Crítica do Discurso para Estudos Críticos do Discurso.

### 2.1 Quando os estudos críticos se anunciam no mundo: poder das vozes pelas lentes

Segundo unânimes relatos, a reunião em Amsterdam em janeiro de 1991 foi um acontecimento referência para estabelecer a ACD. Na obra *Language and power*, Fair-

clough (1989) propõe um quadro inicial de análise em ACD, completando seu trabalho em 1992, com o livro *Discurso e mudança social*, publicado em língua portuguesa, com tradução de Izabel Magalhães em 2001 (Fairclough, 2001). Na primeira obra, o autor anuncia que “a abordagem da linguagem que será adotada aqui será chamada de estudo crítico da linguagem, ou ECL, abreviado” (Fairclough, 1989, p. 5)<sup>2</sup>.

No artigo, “Critical and descriptive goals in discourse analysis”, de 1985, publicado no *Journal of Pragmatics*, Fairclough se refere, pela primeira vez, ao termo Análise Crítica do Discurso. O artigo é retomado numa obra de 1995, recebendo uma segunda edição em 2010<sup>3</sup>. Destacaremos alguns de seus posicionamentos que são pertinentes às nossas considerações. O autor afirma que desnaturalizar as ideologias é “o objetivo de uma análise de discurso que adota objetivos ‘críticos’” (Fairclough, 2010, p. 30, grifo do autor). Mais adiante em seu texto, Fairclough reforça que os objetivos da análise crítica do discurso são “desnaturalizadores” e que, ao utilizar o termo “crítico”, está indicando uma conexão (“embora de modo algum uma identidade de pontos de vista”) entre seus objetivos nesse artigo e a “linguística crítica” de um grupo de linguistas e sociólogos associados a Roger Fowler (Fowler *et al.*, 1979; Kress; Hodge 1979) (Fairclough, 2010, p. 39, grifo do autor).

Na obra *Discourse and social change*, Fairclough (1992) pontua que houve a tentativa em trabalhos anteriores de se arriscarem a unir os estudos linguísticos à teoria social para estudar as mudanças sociais, porém não apresentaram o sucesso dese-

2 As traduções são dos autores; quando não forem, faremos a indicação.

3 Os dados que trazemos neste tópico do artigo é dessa segunda edição.

do. O objetivo de Fairclough nesse trabalho é contribuir para preencher tal lacuna. O autor avalia, por exemplo, que a Análise do Discurso (AD) desenvolvida na França por Michel Pêcheux ([1969] 1997) reelaborou uma teoria marxista de ideologia que já havia recebido uma releitura de Louis Althusser (1992), assim como a Linguística Crítica (LC), na década de 1970, buscou articular as teorias e os métodos de uma análise textual da Linguística Sistêmico-Funcional com as teorias ideológicas.

Embora reconheça o valor crítico das abordagens, Fairclough argumenta que há limitações nessas propostas. Sua justificativa recai sobre os aspectos de que as duas propostas não conseguiram equilibrar as influências dos aspectos linguísticos e dos elementos de cunho social entre si, assim como ambas apresentam uma perspectiva estática das relações de poder, com pouca ênfase para as lutas por transformação nas relações de poder e o papel que a linguagem pode exercer nessa circunstância. Na primeira<sup>4</sup>, os elementos sociais são enfatizados e recebem maior destaque em relação aos aspectos linguísticos; já na segunda ocorre o inverso: “a análise linguística e o tratamento de textos linguísticos estão bem desenvolvidos, mas há pouca teoria social, e os conceitos de ‘ideologia’ e ‘poder’ são usados com pouca discussão ou explicação” (Fairclough, 2001a, p. 20). Assim, a ACD complementa essa lacuna estabelecendo uma compreensão da realidade social constituída, ou confirmada, nas e pelas semioses linguísticas.

Em sua página<sup>5</sup> do *Researchgate*, em artigo de 2018, o autor, em coautoria com Isabe-

la Fairclough, continua remetendo ao termo ACD, como nesta citação: “A análise crítica do discurso (ACD) é uma forma de análise social crítica que se concentra nas relações entre o discurso e outros aspectos da vida social” (Fairclough; Fairclough, 2018, p. 1), bem como em: “Mas o ACD é um método de ciência social, com o objetivo de ‘falar a verdade ao poder’” (Fairclough; Fairclough, 2018, p. 2).

A seguir, tomamos como referência a obra *Methods of Critical Discourse Analysis*, de Ruth Wodak e Michael Meyer, em suas publicações de 2003 (espanhol) e de 2009 e 2015 (inglês), para recuperar o viés da origem da ACD por essa autora.

Na edição de 2003, no primeiro capítulo, assinado apenas por Wodak, a autora inicia o texto se referindo ao uso dos termos Linguística Crítica (LC) e Análise Crítica do Discurso (ACD) como sendo utilizados intercambiavelmente, embora reconheça o uso de ACD, na atualidade, como tendo preferência e mesmo “tem sido usado para referir-se à teoria anteriormente identificada como LC” (Wodak, 2003, p. 18). E mais adiante diz que “a LC e a ACD podem ser definidas como campos fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem” (Wodak, 2003, p. 19). Em seguida, faz referência ao encontro em Amsterdam por seu caráter histórico para a ACD:

A partir desse primeiro encontro (é claro que a LC e a ACD já existiam anteriormente, mas não como um grupo internacional, heterogêneo e unificado de estudiosos) [pequeno simpósio em Amsterdã em janeiro de 1991], passaram a ocorrer simpósios anuais, acompanhando o surgimento de um paradigma, unificado mais por uma agenda de pesquisa do que por uma teoria ou metodologia comuns (Wodak, 2003, p. 20).

4 A leitura da AD corresponde à que foi feita, à época, por Fairclough e não contempla atualizações da escola francesa.

5 Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Norman\\_Fairclough](https://www.researchgate.net/profile/Norman_Fairclough). Acesso em: 13 jul. 2020.

Identifica-se, nesses relatos, uma grande diferença entre o posicionamento de Fairclough e o de Wodak. Claramente se distingue a visão de Fairclough em relação à LC e à de Wodak. O analista não considera uma continuidade entre a LC e a ACD, logo não utiliza os termos de forma intercambiável; por outro lado, Wodak aproxima muito esses dois posicionamentos críticos a ponto de, às vezes, aceitar os usos dos termos como um em substituição ao outro e, às vezes, cada um com seu lugar próprio, como campos que se interessam pelas mesmas manifestações da linguagem.

Logo em seguida, no texto, a autora, corroborando o que anunciamos anteriormente, concorda com Van Dijk no sentido de que a LC e a ACD compartilham perspectivas similares: “[a LC e a ACD] são, quando muito, uma perspectiva compartilhada sobre como fazer análise linguística, semiótica e do discurso” (Van Dijk, 1993, p. 131 *apud* Wodak, 2003, p. 18).

Creemos que temos até aqui quatro constatações, sendo que algumas delas se contradizem ou não ficam muito claras e que podem ser resumidas como segue: 1- Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso são termos que têm uso intercambiável para representar uma escola; 2- o termo Análise Crítica do Discurso se refere ao que era conhecido como Linguística Crítica; 3- os termos Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso têm surgimento independente e compartilham o mesmo fazer analítico; 4- os termos Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso já existiam antes da reunião de Amsterdam em janeiro de 1991.

Na edição de 2009, o capítulo introdutório passa também a ser assinado por Meyer. Os autores consolidam os posicionamentos quanto ao uso intercambiável entre LC e ACD, a preferência quanto ao uso de ACD

em substituição a LC, e indicam a preferência pela utilização que farão do termo ACD no capítulo. Ademais, fazem um acréscimo histórico, qual seja, a tendência atual de alguns pesquisadores preferirem o termo Estudos Críticos do Discurso (ECD). Ao apresentar a diferença entre Estudos Discursivos (DS, em inglês: *Discourse Studies*) e ECD (ou ACD), os analistas ressaltam que a “ACD não está [...] interessada em investigar uma unidade linguística por si só, mas no estudo social” (Wodak; Meyer, 2009, p. 2)<sup>6</sup>, por ser uma abordagem interdisciplinar orientada para problemas discursivos. Evidenciamos aqui a indicação da mudança de nomenclatura, mas ao mesmo tempo continuam, no decorrer do texto, utilizando ACD. A informação “neste momento a ACD é um paradigma estabelecido no campo da linguística” (Wodak, 2003, p. 21), os autores, em 2009, atualizam para “Em suma, a ACD (CDS) tornou-se uma disciplina estabelecida, institucionalizada em todo o mundo em muitos departamentos e currículos” (Wodak; Meyer, 2009, p. 4), pondo os Estudos Críticos do Discurso (CDS, sigla em inglês), entre parênteses, como termo intercambiável com ACD. Assim, antes LC e ACD eram equivalentes; agora ACD e ECD passam a ser intercambiáveis.

Wodak e Meyer (2009) enfatizam o caráter multifacetado dos estudos da ACD por não definirem uma teoria e uma metodologia únicas e contarem também com várias abordagens gramaticais. Por essas razões, os autores sugerem usar a noção de “escola”, de programa ou de conjunto de princípios para a ACD, ocupando uma posição de negar que a ACD não seja uma proposta teórico-metodológica, como defende Fairclough.

Em 2015, na terceira edição do livro,

<sup>6</sup> Tradução realizada por Iris Souza e Josefa Gilvânia Rodrigues.

muda-se o título da obra para *Métodos em Estudos Críticos do Discurso* (no original: *Methods of Critical Discourse Studies*). Por consequência, o primeiro capítulo, assinado pelos dois autores (Wodak; Meyer, 2015), tem o título alterado para “Estudos Críticos do Discurso: história, agenda teoria e metodologia” (“Critical Discourse Studies: history, agenda, theory and methodology”). Com isso, tem-se a forte evidência da substituição do nome, restando-nos saber se há justificativa e argumentos para tal. Os autores retomam Van Dijk (2008) e anunciam o surgimento, nas Ciências Humanas e Sociais, de novas disciplinas – todas interligadas entre as décadas de 1960 e 1970. Nas versões de 2003 e 2009, o simpósio em Amsterdam era mencionado para a “fundação oficial” da ACD; na edição de 2015, o mesmo evento passa a identificar os Estudos Críticos do Discurso e traz uma informação relevante para nossa leitura, qual seja, esclarece o uso temporal do termo “Análise Crítica do Discurso”:

ECD como uma rede de estudiosos surgiu no início dos anos 90, após um pequeno simpósio em Amsterdã, em janeiro de 1991. Com o apoio da Universidade de Amsterdã, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak<sup>7</sup> passaram dois dias juntos e tiveram a oportunidade de discutir teorias e métodos de análise de discurso, especificamente análise crítica do discurso (CDA) (que foi o termo usado nos anos 90 e 2000) (Wodak; Meyer, 2015, p. 4).

Os analistas continuam afirmando que os ECD são uma “escola” ou “paradigma” e, como tal, se caracterizam por alguns princípios, dentre os quais a desconstrução de ideologias e a interdisciplinaridade, em que os pesquisadores têm a liberdade de seguir seus próprios posicionamentos e interes-

<sup>7</sup> Embora não se mencione Siegfried Jäger, essa questão é corrigida em Resende e Regis (2017).

ses, mantendo as metodologias escolhidas, e, além de tudo, sendo autorreflexivos.

De fato, observamos que as informações já passadas sobre a origem e os posicionamentos da ACD nas edições de 2003 e 2009 são agora remetidas para a ECD. Sobre a citação de Van Dijk utilizada por Wodak e Meyer (2015, p. 3), destacamos algumas opiniões dos pesquisadores quanto ao fato de a ACD não ser um método de análise crítica do discurso, pois, metodologicamente, ela é muito diversa por utilizar qualquer método que atenda às perguntas de pesquisa e aos seus objetivos. “Portanto, não existe um único método de ACD, mas muitos. Por isso, eu recomendo usar o termo Estudos Críticos do Discurso para as teorias, métodos, análises, aplicações e outras práticas de analistas críticos do discurso e esquecer sobre o termo confuso ‘ACD’” (Van Dijk *apud* Wodak; Meyer, 2015, p. 3, grifo do autor). Dessa forma Van Dijk enuncia que não vai mais “aplicar” a ACD.

Ainda que aceitando a substituição do termo ACD por ECD, em artigo de 2015, Wodak usa os dois termos de forma intercambiável: “A abordagem histórico-discurso (ADH) pertence ao campo amplamente definido dos estudos críticos do discurso (ECD), ou também da análise crítica do discurso (ACD) (Reisigl & Wodak, 2001, 2009; Wodak, 2011, 2013)” (Wodak, 2015, p. 2).

Para arrematar os apontamentos sobre a contribuição de Wodak, podemos indicar que, a partir de seus procedimentos metodológicos, os ECD devem “tornar explícitos os valores e interesses, a análise deve ser organizada de modo a que as conclusões possam ser revisadas; e a avaliação dos dados deve ser explicitamente caracterizada como tal” (Wodak, 1993, p. 228). Tais posições da autora não mudaram com o tempo<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/TEMP/App->

É com Van Dijk que finalizamos este tópico sobre os analistas. Tomamos como ponto principal de apoio das discussões o livro *Discurso e Poder*, traduzido em 2008 para o português brasileiro. No entanto, a fim de situar o papel do livro nesta discussão, apontaremos antes alguns artigos e projetos do autor.

Em página da web<sup>9</sup>, no texto “Da Gramática do Texto à Análise Crítica do Discurso: uma breve autobiografia acadêmica”, Van Dijk (2006, p. 20) assegura que “a ACD é um movimento – teoricamente muito diverso – que reúne estudiosos que se preocupam mais pelos temas sociais que pelos paradigmas acadêmicos”. O autor relata a iniciativa de criar uma rede internacional *CRITICS* (Centros para a Investigação nos Textos, a Informação e a Comunicação em Sociedade). O grupo vem se reunindo em diversos países da Europa anualmente, desde a primeira reunião organizada por ele em Amsterdã nos princípios dos anos 90 do século XX.

No projeto sobre ECD, Van Dijk (2009)<sup>10</sup> destaca que tem sido seu foco estudar o discurso e o racismo desde a década de 80, cuja raiz remonta à Linguística Crítica, assim como a outros paradigmas críticos. Ele acentua que os estudos críticos do discurso se constituíram, logo no início da década de 80, com as publicações de Wodak, Fairclough, entre outros estudiosos. Reconhece, então, a tradição de utilizar a denominação Análise Crítica do Discurso. Todavia, ressalta que começou a defender uma nomencla-

tura mais geral, Estudos Críticos do Discurso (ECD), “para enfatizar que o estudo crítico não é um método de análises”. Além disso, o seu trabalho em ECD engloba a integração “de perspectivas sociais e cognitivas na análise crítica do discurso” (Van Dijk, 2009, s/p). Como se comprova, a análise crítica do discurso passa a ser indicada em minúsculo como um fazer analítico crítico do discurso e não mais como um campo, uma teoria ou um método. No projeto sobre racismo e discurso, inserido na Análise Crítica do Discurso, mais uma vez o autor salienta sua preferência: “agora prefiro chamar ECD” (Van Dijk, 2009, s/p). No projeto *Discurso e Ideologia*, já se anuncia no campo dos ECD: “Este projeto multidisciplinar a longo prazo investiga sistematicamente as relações entre discurso e ideologia, uma das dimensões fundamentais dos Estudos Críticos do Discurso” (Van Dijk, 2009, s/p).

Em texto de 1999, “Critical Discourse Analysis”, com tradução para o espanhol, Van Dijk define a ACD como proposta multidisciplinar e um tipo de investigação analítica que prioriza o estudo sobre abuso de poder social e afirma, remetendo a Rasmussen (1996), que “Certos princípios da análise crítica do discurso já podem se identificar na teoria crítica da Escola de Frankfurt desde antes da segunda guerra mundial” (Van Dijk, 1999, p. 23), fazendo referência à Linguística Crítica. Assim, por ser a ACD multidisciplinar, não apresenta marcos teórico e analítico unitários, porém sempre com diálogos abertos.

No capítulo “La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad” (2003), publicado no livro de Ruth Wodak e Michael Meyer como organizadores, o analista afirma que estabelecerá diretrizes para se fazer ACD e reforça seu posicionamento de que a ACD deve

---

<Data/Local/Temp/DiscourseSociety-1993-WodakMatouschek-225-48.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

9 Disponível em: <http://www.discursos.org/>. A página informa que foi atualizada em 1º de maio de 2009.

10 Assumimos o ano de atualização da página da web de Van Dijk.

ser multidisciplinar e de que ela “não é um método, nem uma teoria que simplesmente pode se aplicar aos problemas sociais. A ACD pode se realizar ou combinar-se com qualquer enfoque e subdisciplina das humanidades e das ciências sociais” (Van Dijk, 2003, p. 144). Articulado com a tendência que ele anuncia, na terceira edição do livro de Wodak e Meyer (2015), Van Dijk muda o título do capítulo para “Estudos críticos do discurso: uma abordagem sociocognitiva” (“Critical discourse studies: a sociocognitive approach”).

Sobre o livro *Discurso e Poder*, já anunciado, o analista crítico apresenta o objetivo do primeiro capítulo: “contribuir para esse debate acerca dos fundamentos dos ECD” (Van Dijk, 2008, p. 10). A proposta de mudar o nome de ACD para ECD está abalizada em várias razões, entre elas: “os ECD não são [...] um método de análise do discurso. Não existe este tipo de método” (Van Dijk, 2008, p. 10, grifos do autor). O autor passa então a explicar que a ECD usa qualquer método que atenda a seus objetivos e que estes são, na maioria, os utilizados, em geral, nos estudos do discurso. Esses devem ser escolhidos, segundo o autor, de forma que a pesquisa venha a contribuir com o empoderamento de grupos vulneráveis socialmente. Esse posicionamento se aproxima do que defendem os analistas críticos ao ressaltarem que a proposta é multidisciplinar e multimetodológica.

Dessa forma, considera que o termo ACD não atende à proposta porque vai além de uma análise, pois também teoriza e não se limita ao rótulo de ser uma “teoria e um método”. Além disso, a área é tão relevante para os estudos críticos do discurso de dominação e abuso de poder de uma sociedade que não deve ficar limitada ou engessada em determinadas teorias ou metodologias.

O próximo espaço geográfico e sociodiscursivo a ser considerado é a influência dos primeiros pesquisadores nacionais, aliás, das primeiras pesquisadoras do Brasil, sobre a Análise Crítica do Discurso (ou Estudos Críticos do Discurso).

## 2.2 Quando os estudos críticos se anunciam no Brasil: o poder das vozes femininas

Em continuidade ao percurso sobre as origens destacadas por alguns autores acerca das vinculações teóricas da ACD, discutiremos, neste espaço do texto, sobre os apontamentos, ou a ausência deles, a partir das pesquisadoras pioneiras desse campo de estudo no Brasil: Izabel Magalhães (UnB/UFC/UFG), Carmem Rosa Caldas-Coulthard (UFSC) e Célia Maria Magalhães (UFMG). Após consultar os currículos *Lattes* das pesquisadoras, refletimos sobre diversos os artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, bem como os capítulos de livros publicados durante as suas carreiras. A seleção foi conduzida pela presença no título do trabalho de algumas palavras-chave como “Análise Crítica do Discurso” ou termo sinônimo como “teoria crítica” e “estudo crítico”. Além disso, a cronologia da publicação foi evidenciada, em especial os textos que introduziram a ACD no Brasil nas décadas de 80 e 90 do século passado e nos anos do presente século. Dito isso, iniciamos com o posicionamento da pesquisadora Izabel Magalhães.

A introdução da ACD em terras brasileiras tem como marco histórico a publicação do artigo “Por uma Abordagem Crítica e Explanatória do Discurso”, em 1986, pela professora Izabel Magalhães. O texto já indica a perspectiva crítica, interpretativista e etnográfica a que se vincularia durante a formatação da ACD. Embora tenha uma se-

ção dedicada, pioneiramente, à “análise de discurso crítica”, a autora não apresenta as vinculações teóricas com a Linguística Crítica ou a Linguística Sistêmico-Funcional. Ela toma como referência os primeiros trabalhos de Fairclough (Magalhães, I, 1986).

Já em um segundo momento, o artigo “Teoria Crítica do Discurso e Texto”, editado em 2004 já com as bases da ACD fundamentadas por diferentes autores, Magalhães apresenta as diferentes associações da Teoria Social do Discurso, como também era chamada a abordagem desenvolvida por Fairclough. Na primeira parte do texto, a pesquisadora se volta a explicar o que torna a ACD uma abordagem textualmente orientada. Destacadamente nesse fragmento, encontramos a reflexão sobre o vínculo da ACD com a Linguística Sistêmico-Funcional. E a estudiosa vai além disso, apresentando como a teoria sistêmico-funcional influenciou o nascimento do grupo de pesquisadores envolvidos na Linguística Crítica. É justamente nesse ponto que encontramos um debate importante. Ao tratar dessa questão, a pesquisadora ressalta que não se pode confundir, ou resumir, a ACD com a LC, porque é justamente na diferença em relação às outras abordagens que a ACD se constitui. Ainda que haja uma adoção múltipla de conceitos formulados por Halliday (2004), tanto em autores da LC quanto em autores da ACD as duas correntes possuem seus próprios caminhos. Ademais, embora haja influência da LC na ACD, até mesmo tomar a ACD como uma continuidade da LC, não podemos reduzir uma à outra, conforme fica claro na citação da autora a seguir:

A ADC pode ser considerada uma continuação da LC (WODAK, 2001). “Porém”, não cabe reduzir a ADC à LC, pois há questões teóricas e práticas que foram explicitadas pela ADC, contribuindo para o avanço dos

debates. A ADC tem se dedicado à análise de textos, eventos discursivos e práticas sociais no contexto sociohistórico, principalmente no contexto das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar um pequeno corpus textual, a ADC oferece uma contribuição significativa da linguística para debater questões da vida social contemporânea [...] (Magalhães, I., 2004, p. 120, grifo nosso).

Em outra publicação sobre a mesma temática, no artigo “Introdução: a Análise de Discurso Crítica”, Magalhães continua reforçando o aspecto da redução teórica e metodológica quando há a consideração da continuidade da LC pela ACD. A estudiosa argumenta que “não obstante, considerar a ADC como continuidade da LC é uma redução de questões fundamentais que foram explicitadas pela ADC, tanto em termos teóricos como metodológicos” (Magalhães, I., 2005, p. 3).

Percebemos que nas duas citações a autora recorre à ressalva linguística para enfatizar que aceita o argumento, mas possui um ponto de vista discordante. Trata-se do recurso de acréscimo, ou “melhoramento”, como propõe Halliday (2004). Analisando a primeira citação utilizada, do ano de 2004, identificamos, logo no início do texto, destacado pelo nosso grifo, que Magalhães aceita o argumento de Wodak, entretanto faz a ressalva para apresentar um argumento oposto, não os tornando semelhantes, ou iguais, pois as questões teóricas são divergentes. Cada uma das áreas tem inquietações epistemológicas diversas. O recurso da ressalva, na segunda citação, ainda se faz presente, também grifado por nós no texto de 2005. Em concordância com a reflexão de Eggins (2002), com os usos das ressalvas se nota uma ampliação explícita (“porém” e “não obstante”) do caráter argumentativo, esta-

belecendo um contraste. Certamente existem razões diversas para a utilização desse recurso linguístico que não podemos mensurar, mas apenas levantar hipóteses, como acreditar que um argumento é mais forte que o outro por achar o primeiro incompleto, ou ainda entender como um jogo pragmático de proteção de faces.

Por fim, além de fazer essa ressalva, posteriormente Izabel Magalhães evidencia, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), o fato de a ACD ser “uma contribuição para a investigação crítica do pós-modernismo”.

Por sua vez, a pesquisadora Carmem Rosa Caldas-Coulthard, em artigo publicado em 1993, intitulado “From Discourse Analysis to Critical Discourse Analysis: Theoretical Developments”<sup>11</sup>, apresenta um histórico entre teorias da linguagem críticas e não críticas. Ela destaca as limitações nos estudos da linguagem no sentido de compreender os aspectos sociais, iniciando com Saussure e Labov, e posteriormente apresentando especialmente as limitações da LSF e da LC. Essa limitação é ressaltada para indicar o nascimento de posturas teóricas críticas como as de Kress, Fairclough e Gee.

Mais recentemente, teóricos como Pêcheux (1982), Kress (1985), Fairclough (1989, 1992a, 1992b), Gee (1990) estão estendendo os limites da análise e uma ‘nova teoria da linguagem’ está nascendo. As influências mais importantes sobre a ACD têm sido as teorias sociais de Foucault, Bourdieu, Althusser e Habermas e a teoria linguística sistêmico-funcional (Caldas-Coulthard, 1993, p. 56).

Identifica-se com a citação a ausência da lembrança da LC como influência importante para a ACD. Como as ausências dizem tanto, ou mais, quanto o dito, podemos inferir a não vinculação, continuidade ou evolução

11 “Da Análise do Discurso à Análise do Discurso Crítico: Desenvolvimentos Teóricos”.

de uma a partir da outra – argumento que, embora saibamos que há uma aproximação importante entre as áreas, parece ser plausível. A vinculação entre as duas áreas, no entanto, marcadamente sem ligação, está presente na obra organizada por Caldas-Coulthard, em parceria com Malcolm Coulthard, em 1996: *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. Nessa obra há um capítulo dedicado à Linguística Crítica escrito por Roger Fowler, “On Critical Linguistics”, e outro capítulo, intitulado “Representational resources and the production of subjectivity: questions for the theoretical development of Critical Discourse Analysis in a multicultural Society”, escrito por Gunther Kress. Ainda que não tenha responsabilidade sobre os conteúdos dos dois capítulos, Caldas-Coulthard, no prefácio da obra, indica a importância das pesquisas publicadas no livro para a área da ACD. Além disso, apresenta a obra com o título da ACD. Assim, entende-se como todas as abordagens e aplicações, ainda que diferentes entre si, possuem o mesmo ramo teórico: a ACD.

Finalizando a reflexão sobre as pesquisadoras brasileiras, temos o posicionamento da analista Célia Maria Magalhães. A pesquisadora organizou a obra *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*, datada de 2001. No capítulo de sua autoria, “A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo”, expõe que, no fim da década de 80, as obras de Fairclough e Kress estavam consolidando “as bases para os estudos críticos da linguagem [...]” (Magalhães, C., 2001, p. 16)<sup>12</sup>. Uma das leituras que podemos fazer é a de que a autora utilizou o termo Estudos Críticos da Linguagem (ECL) fazendo a apropriação utilizada por Fairclough

12 *Linguistic Processes in Sociocultural Practice* (Kress, 1988) e *Language and Power* (Fairclough, 1989).

(1989), conforme descrito neste artigo anteriormente. Tal afirmação se efetiva pela verificação da utilização do termo mais duas vezes com esse sentido.

Outra questão verificada foi que a autora enfatiza que diversos teóricos e teorias contribuem com as reflexões da ACD, “dentre elas as teorias de discurso de Foucault (1971, 1972, 1982) e as teorias sociais de Althusser (1971), Giddens (1984) e Gramsci (1971)” (Magalhães, C., 2001, p. 16). Inclusive a autora aborda a apropriação do conceito de intertextualidade de Bakhtin (p. 18). Por fim, ao explicar a possibilidade da análise linguística do modelo tridimensional, diz que as vinculações podem se dar por meio do arcabouço teórico da LSF de Halliday, entre outras (p. 25). Ao não citar quais outras, a professora destaca a preferência da ACD pela Linguística Sistêmico-Funcional pela “harmonia com a percepção geral de linguagem”.

Por fim, ao contrário de propor uma extensão da LC pela ACD, a autora apresenta outra leitura inédita ao indicar a ACD como uma extensão e um complemento da visão da linguagem da LSF, o que pode ser confirmado na citação a seguir:

A ACD aqui se propõe como “extensão e complemento da visão de linguagem da LSF”. Esta, limitada por sua pouca ênfase no social frente ao semiótico, no texto em oposição ao sistema, e por sua falta de reconhecimento de um sistema correspondente à ordem do discurso, não dá conta, como a ACD, de uma explicação adequada dos textos híbridos que misturam discursos, gêneros e registros (Magalhães, C., 2001, p. 27, grifo nosso).

No capítulo “Percurso das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional”, no livro *Olhares em análise de discurso crítica*, Célia Maria Magalhães faz um histórico das abordagens discursi-

vas que se vinculam à LSF. A pesquisadora aponta a Linguística Crítica aliada à LSF. É interessante que ela salienta o conceito expandido de Halliday sobre discurso, identificando a atualização por meio dos conceitos discurso (singular) e discursos (plural):

No singular, passa a significar a linguagem em uso (qualquer modo e com qualquer recurso semiótico) em seu contexto de situação e de cultura. O termo “discursos”, no plural, resgata e se apropria do conceito de “formações discursivas” de Foucault, significando representações de mundo com base nas perspectivas socioculturais particulares (Magalhães, C., 2009, p. 21, grifo da autora).

Com essa citação, é possível identificar a semelhança com que Fairclough trabalha com os conceitos. Embora conceitualmente diferente, fica evidente uma continuidade do pensamento da LC. No entanto, é importante ressaltar que, conforme a autora posteriormente evidencia no texto, os desdobramentos sobre o termo discurso “propiciam a criação de grupos ou escolas de pesquisadores em torno de abordagens de estudos da linguagem um pouco diferenciadas, variando o seu objeto de estudo entre ‘discurso’ e ‘discursos’” (Magalhães, C., 2009, p. 21, grifos da autora). A professora cita que as escolas de “linguistas críticos” e “analistas críticos do discurso” entendem o discurso como uma unidade semântica. Ao citar as abordagens, ela o faz de forma separada, indicando o termo no plural, “escolas” – objeto de diferenciação entre as abordagens, ou seja, sem a continuidade de uma abordagem pela outra.

Em face do objetivo deste texto, escolhamos essas autoras e esses autores com o objetivo de trazer uma reflexão sobre como as percepções se deram sobre as origens e as vinculações da ACD. Seguem, no último tópico, algumas reflexões que elaboramos

a partir das nossas vozes em um encontro polifônico com as vozes dos vários “outros” aqui presentes.

### **3. Conclusão: quando os estudos críticos se atualizam no Brasil: o poder das vozes de pesquisadores nordestinos**

No âmbito de atuação de Analistas Críticos do Discurso conscientes da heterogeneidade de concepções, bem como dos processos sociais de mudança histórica, conduzimos as discussões neste artigo em torno de uma revisão sobre a vinculação ou não da Análise Crítica do Discurso (ACD) como continuidade da Linguística Crítica (LC) e sua (não) atualização para Estudos Críticos do Discurso. Verificamos, então, um panorama multifacetado no que se refere às concepções acerca da ACD desde suas origens até os dias atuais, quando os olhares estão voltados para o cenário mundial ou para o contexto brasileiro.

Há em Santos (1999) algumas assertivas sobre o advento da globalização, das quais uma explicação é sobre a ampliação das ciências e seus estudos:

[...] a crise da teoria crítica moderna arrastou consigo a crise da distinção icônica e os mesmos ícones passaram a ser partilhados por campos anteriormente bem demarcados, ou, em alternativa, foram criados ícones híbridos constituídos ecleticamente com elementos de diferentes campos (Santos, 1999, p. 203).

Por teoria crítica, Santos (1999) entende ser aquela que não limita a realidade apenas ao que existe, considerando-a sempre passível de transformação – uma estrutura móvel, não estanque. Esse pressuposto dialoga com este artigo na medida em que investigamos a variação dos pontos de vista sobre

ACD e ECD. As evidências corroboram a tese de Santos (1999) quando defende que a realidade fática de “agora” não impede uma realidade fática diferente no “depois” (grifo do autor).

Podemos registrar a heterogeneidade de posturas quanto à origem da ACD/ECD retomadas e resumidas a seguir como prova de que a teoria crítica não se limita à nem demarca a realidade: 1- Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso são termos que têm uso intercambiável para representar uma escola; 2- o termo Análise Crítica do Discurso se refere ao que era conhecido como Linguística Crítica; 3- os termos Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso têm surgimento independente e compartilham o mesmo fazer analítico; 4- os termos Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso já existiam antes da reunião de Amsterdã em janeiro de 1991; 5- antes LC e ACD eram equivalentes; agora ACD e ECD passam a ser intercambiáveis; 6- ausência da LC como influência importante para a ACD; 7- ACD como continuidade da LSF; 8- o termo ECD substitui o uso de ACD por este ser um termo falho; 9- todo o histórico que fazia parte da ACD é transferido agora para os ECD; 10- o termo ACD tem uso temporal entre as décadas de 1990 e 2000; 11- ACD é considerada teoria e método; 12- os ECD negam ser teoria e método, usam qualquer método e têm preferência por se classificar como “escola”.

Nesse contexto, afirmamos que há uma tendência, mas não engessada, de pesquisadores que continuam utilizando ACD. Outros utilizam ECD como atualização do termo, porém sem justificativas, apenas como uma substituição para a nomenclatura ACD. Cabe salientar que é preciso provocar o processo de decolonização do saber (Resende, 2019) para vivenciarmos uma perspectiva

emancipatória a fim de construirmos uma teoria crítica com a nossa cara (Santos, 2006). Não se pode pensar em teoria crítica como aquela que reduz a “realidade” ao que existe, mas, sim, concebê-la como um “campo de possibilidades” (Santos, 1999, p. 197). Nessa perspectiva, este artigo se inscreve nessas possibilidades.

## Referências

ABELLA, L. B. G. **O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem “vai pra rua”**. 2017. 182f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, [1970] 1992.

CALDAS-COULTHARD, C. R. From discourse analysis to critical discourse analysis: theoretical developments. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 21, p. 49-62, jan./jun. 1993.

CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. **Texts and practices: Readings in critical discourse analysis**. London: Routledge, 1999.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

EGGINS, S. **Introducción a la lingüística sistémica**. Logroño: Universidad de La Rioja, 2002.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of pragmatics**, n. 9, p. 739-763, 1985.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis and the marketization of public discourse: the universities. **Discourse & Society**, v. 4, n. 2, p. 133-168, 1993.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. New York/USA: Routledge, 2010.

FAIRCLOUGH, N.; FAIRCLOUGH, I. A procedural approach to ethical critique in CDA. **Critical Discourse Studies**, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Norman\\_Fairclough.10.1080/17405904.2018.1427121](https://www.researchgate.net/profile/Norman_Fairclough.10.1080/17405904.2018.1427121). Acesso em: 12 jul. 2020.

HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. Revised by Christian Matthiessen. London: Arnold, 2004.

MAGALHÃES, C. M. A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo *In*: MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 15-30.

MAGALHÃES, C. M. Percursos das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional. *In*: VIEIRA, Josênia Antunes et al. **Olhares em análise de discurso crítica**. Brasília, 2009. p. 17-35.

MAGALHÃES, I. Por Uma Abordagem Crítica e Explanatória do Discurso. **DELTA**, v. 2, n. 2, p. 181-205, 1986.

MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 113-131, 2004.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. *In*: MAGALHÃES, I.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **Análise crítica do discurso: DELTA**, 21: Especial. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2005. p. 1-9.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. UNICAMP, [1969] 1997. p. 61-162.

RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. Apresentação. *In*: RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (Orgs.). **Outras perspectivas em Análise de Discurso Crítica**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 7-10.

RESENDE, V. de M. Perspectiva latino-americana para decolonizar os estudos críticos do discurso. *In*: RESENDE, Viviane de Melo (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. São Paulo: Pontes, 2019. p. 19-46.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, B. de S. **Conocer desde el Sur**: para una cultura política emancipatória. Lima, Peru: Fondo editorial de la Facultad de Ciencias Sociales; UNMSM - Programa de Estudios sobre Democracia y Transformación Global, 2006.

SANTOS, B. de S. Por que é tão difícil construir uma teoria crítica? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 54, p. 197-215, 1999. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque\\_e\\_tao\\_dificil\\_construir\\_teorica\\_critica\\_RCCS54.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque_e_tao_dificil_construir_teorica_critica_RCCS54.PDF). Acesso em: 1º ago. 2020.

VAN DIJK, T. Análisis crítico del discurso. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, v. 30, p. 203-222, 2016. Disponível em: [http://revistas.uach.cl/pdf/racs/n30/art10%20-%20copia%20\(2\).pdf](http://revistas.uach.cl/pdf/racs/n30/art10%20-%20copia%20(2).pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

VAN DIJK, T. **Proyecto sobre Estudios Críticos del Discurso**. 2009. Disponível em: <http://www.discursos.org/projects/cda/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

VAN DIJK, T. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. **De la Gramática del Texto al Análisis Crítico del Discurso**: una breve autobiografía académica. Diciembre de 2006. Disponível em: <http://www.discursos.org/cv/De%20la%20gramatica%20del%20texto%20al%20analisis%20critico%20del%20discurso.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

VAN DIJK, T. El análisis crítico del discurso. Traducción: Manuel González de Ávila. **Anthropos**,

Barcelona, v. 186, p. 23-36, sept./oct. 1999.

WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y su desarrollo. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Orgs.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona, ES: Gedisa, 2003. p. 17-34.

WODAK, R.; MEYER, M. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Studies**. 3rd revised edition, Chapter: 1. Londres: Sage, 2015. p. 1-23.

WODAK, R.; MEYER, M. Critical Discourse Analysis: History, Agenda, Theory, and Methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. Londres: Sage, 2009. p. 1-33.

WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona, ES: Gedisa, 2003.

WODAK, R.; MATOUSCHEK, B. We are dealing with people whose origins one can clearly tell just by looking: Critical Discourse Analysis and the Study of Neo-Racism in Contemporary Austria. **Discourse and Society**, v. 4, n. 2, p. 225-248, 1993. Disponível em: [http://www.research.lancs.ac.uk/portal/en/people/ruth-wodak\(71b5650a-f48c-4c2e-8b71-6896e291dc2b\)/publications.html?page=4](http://www.research.lancs.ac.uk/portal/en/people/ruth-wodak(71b5650a-f48c-4c2e-8b71-6896e291dc2b)/publications.html?page=4). Acesso em: 21 jul. 2020.

*Recebido em: 01/03/2024*

*Aprovado em: 10/05/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.